

CONVERSATIONS WITH THE EARTH



INDIGENOUS VOICES
ON CLIMATE CHANGE

Petroleo sob a floresta

O ditado diz: “Óleo e água não se misturam.” Porém, na Floresta Boreal, os poluentes das areias petrolíferas estão se misturando não só com água, mas também contaminando os animais e o ar, com resultados drásticos para as comunidades indígenas locais.

As Areias Petrolíferas no norte da Província de Alberta no Canadá, são um dos maiores projetos de desenvolvimento do planeta. Lá, petróleo pesado é extraído do subsolo e mandado às refinarias onde o petróleo bruto pesado é transformado em produtos petrolíferos. A extração e o refinamento do petróleo das Areias Petrolíferas é hoje uma das principais fontes de emissões de gás de efeito estufa no Canadá. Menos conhecidos são os impactos nas comunidades indígenas ao redor das zonas de desenvolvimento das Areias Petrolíferas. Aqui, os povos Cree, Dene e Metis são testemunhas diretas das mudanças drásticas em uma paisagem que há apenas uma geração atrás ainda era coberta por florestas e água. Além disso, os seres humanos e os animais estão sofrendo impactos negativos na sua saúde. Além de ter suas terras e nascentes alteradas para sempre pelo



Fotografia & Legendas: Ben Powless

2011 - Produção conjunta de Conversas com a Terra, www.conversationearth.org, e a Rede Ambiental Indígena, www.ienearth.org.



A destruição, de cima, Fort McMurray, Alberta, Canadá

Depois de apenas dez anos de alta produção, muitos ecossistemas nessa área sofreram efeitos sérios. A cada ano, mais de 340 bilhões de litros de água são retirados do Rio Athabasca, produzindo dois barris de rejeitos tóxicos para cada barril de petróleo. Hoje, bacias de rejeitos cobrem mais ou menos 128 quilômetros quadrados, e as pesquisas indicam que os tóxicos estão vazando para o Rio Athabasca. Muitas comunidades indígenas expressaram suas preocupações que os tóxicos estão voltando para o Athabasca, e para os animais e peixes nos quais dependem para seu sustento.



Mike Orr (Cree), Fort McKay, Alberta, Canada

Mike Orr, um conselheiro da comunidade de Fort McKay, descobriu essa bacia de decantação cheia de químicos tóxicos dentro da tradicional região de caça da sua comunidade. Ao invés de tampar os rejeitos por todos os lados, um lado está aberto, e cobre o que antes eram turfeiras e floresta. Rastros de animais mostram que alces, veados, coelhos e raposas foram expostos a estes rejeitos. Muitos caçadores contam que desenvolveram erupções na pele depois de serem expostos aos riachos nas áreas vizinhas. Mike diz: "A terra, o ar, a água estão sendo poluídos. A indústria está correndo demais, as coisas precisam se acalmar."



Ed Cooper (Dene), Fort McKay, Alberta, Canada

Ed Cooper olha pela janela na comunidade Dene, de Fort McKay, no Rio Athabasca, que se tornou perigosamente poluído desde a chegada das indústrias. Ed foi criado montando armadilhas para a caça, mas está preocupado com a vida selvagem. "Antes, você não tinha que andar muito longe, talvez três a cinco quilômetros, mas agora você tem que andar quarenta quilômetros para pegar um alce. Há tantas companhias de petróleo por aqui, que espantam toda a caça", afirma Ed.



O Caminho da Cura, Fort McMurray, Alberta, Canadá

Embora algumas comunidades indígenas sejam retratadas como apoiadoras das indústrias das areias petrolíferas, porque muitas vezes são a única fonte de empregos, muitas começaram a desafiar essa posição. O segundo "Caminho da Cura" anual em 2011 juntou gente das comunidades indígenas e não-indígenas, expressando um pedido para curar a Mãe Terra.



Melina Laboucan-Massimo (Cree, Primeira Nação de Lago Lubicon), Alberta, Canadá

Melina Laboucan Massimo, membro da Nação Cree Lubicon, posa em frente a uma estrada que leva até um derrame de petróleo de 4,5 milhões de litros no território tradicional da sua comunidade, há poucos quilômetros de casas residenciais. "Foi aqui que a minha família nasceu, e aonde há muitas gerações a comunidade vai para caçar, montar armadilhas, colher plantas medicinais e frutas. Sabemos que essa terra nunca mais será como antes, e eu desconfio que isso vai ser o futuro das comunidades indígenas no norte."



Steve Noskey (Cree, Primeira Nação de Lago Lubicon), Alberta, Canadá

Steve Noskey é o Cacique da Primeira Nação de Lago Lubicon, devidamente eleito. Ele também está preocupado com os impactos dos derrames de petróleo na sua comunidade, mas também tem notado mudanças preocupantes no tempo local. "Com certeza, o lençol freático baixou, mesmo na floresta, porque a terra está muito seca. Nosso outono está chegando cada vez mais tarde, mudando pouco a pouco. Os últimos três ou quatro verões tem sido extremamente secos. Os peixes e os animais estão arcando com as consequências", disse o Cacique Steve.



Rose Deranger Desjarlais (Dene, Primeira Nação Fort Chipewyan), Alberta, Canadá

Rose Deranger Desjarlais é uma sobrevivente de câncer, originalmente da comunidade de Fort Chipewyan. No começo do ano, ela foi diagnosticada com dois tipos de câncer, depois de trabalhar na indústria das areias petrolíferas, que ela acredita ter causado seu câncer. Muitas pessoas abandonaram suas comunidades por medo de serem expostas a químicos desconhecidos. "Não tem nada aqui para meus netos. Não posso trazê-los de volta, para caçar ou pescar, para que? Trazê-los a um lugar que ia matá-los aos poucos, respirando essa poluição? Não posso fazer isso com eles", diz Rose.



Steve Courtoreille (Cree, Mikisew Cree First Nation), Fort Chipewyan, Alberta, Canadá

Steve Courtoreille, cacique da Primeira Nação Mikisew Cree, posa ao lado da cerca de um colégio interno, aonde ele e muitos outros foram forçados a estudar num sistema escolar direcionado a despojá-los da sua cultura indígena. Hoje, a comunidade de Fort Chipewyan luta contra os efeitos silenciosos mas fatais de viver no abaixo das areias petrolíferas. Faz pouco tempo que o Steve perdeu um sobrinho de apenas 28 anos. "Não sabemos quantas pessoas aqui estão com câncer. E só vai piorar. Até o ponto que famílias pensam em deixar a comunidade. E o governo não está nem aí."



Fort McMurray, Alberta, Canadá

Aproximadamente 140.000 quilômetros quadrados – uma área maior que a Inglaterra – cobrem o segundo maior depósito de petróleo no mundo, de 175 bilhões de barris. Este petróleo tem que ser extraído por mineração de superfície ou por canos de perfuração e depois processado em refinarias de grande porte. Uma grande parte dessa terra já foi arrendada às empresas petrolíferas, mas também está dentro dos territórios tradicionais de muitas comunidades indígenas. Essas comunidades têm sofrido impactos desproporcionais que são o resultado dessas atividades industriais, e também da mudança climática.



Henry Gladue (Cree, Nação Cree do Lago Castor), Alberta, Canadá

Nesse dia, Henry Gladue, recentemente eleito cacique da Nação Cree do Lago Castor, foi presenteado com um cocar pelos anciãos da comunidade e lembrado das suas responsabilidades. Sua comunidade entrou com uma ação contra o governo que poderia fechar ou diminuir a produção nas areias petrolíferas porque transgredir seus direitos protegidos por tratados. "Nossos direitos são baseados na nossa cultura, a caça, a pesca e a colheita. Se não podemos exercer nossos direitos porque não tem mais animais ou eles estão doentes, o que podemos fazer?" pergunta o Cacique Henry.



Raymond Ladouceur (Métis), Fort Chipewyan, Alberta, Canadá

As comunidades indígenas sempre dependeram dos peixes e animais locais para seu sustento básico, especialmente numa comunidade como Fort Chipewyan, que é só acessível por avião. Raymond Ladouceur é um pescador Métis tradicional. Há alguns anos atrás, ele e outros pescadores começaram a notar que os peixes que pegavam tinham olhos protuberantes, corcundas, caras retorcidas e manchas em toda parte. Agora eles estão preocupados com o futuro não apenas dos seus meios de vida, mas também da sua cultura. "Eu vejo que daqui a dez anos, o lago vai ser fechado por causa de toda a descarga que sai do Rio Athabasca", adverte o Raymond. "Nossa maneira de vida está indo por água abaixo."



Na sombra da destruição, Fort McMurray, Alberta, Canada



Kevin Courtoreille (Cree, Primeira Nação Ckikisew Cree), Fort Chipewyan, Alberta, Canadá

Kevin Courtoreille conhece o Rio Athabasca como poucos. Aqui ele descansa numa cabana quase abandonada, onde cresceu com sua família nas margens do Rio Athabasca. Agora ele vive em Fort Chipewyan, onde se envolveu com o monitoramento ambiental, fruto de um senso de dever para com seu povo. "Todo mundo sabe que tem algum coisa com a água. A poluição e os tóxicos cancerígenos estão sem dúvida saindo das areias petrolíferas. Quero levantar dados que proveem que as coisas estão erradas, ao invés de prolongar tudo, com mais gente morrendo", diz o Kevin.